

TOXMAPAT

Museu
Arte
Arquitetura
Tecnologia

Turn around Um olhar sobre a Coleção de Arte Fundação EDP

Parte 1

O espaço aberto da galeria da Baixa Pressão Sul é cortado pelas estruturas de ferro que sustentam o edifício, testemunhas do passado industrial da própria Central Tejo. Ocupar com arte um lugar onde tudo o que nele existiu era útil e necessário (as enormes caldeiras de vapor, as intrincadas redes de tubagens, o carvão e as cinzas, a multidão operária em movimento constante) levou-nos a escolher obras que estabelecessem diálogos livres com o espaço e sua memória, feitos de coincidência e ironia, surpresa e humor, reforço e desconstrução.

A voz de Luisa Cunha (*Turn around*, 2010) recebe-nos sugerindo o espírito com que devemos entrar (curiosidade e descoberta), conduzindo-nos num percurso em que a linguagem não é mero motivo de jogo, mas sim de reflexão. São disso também exemplo o filme de Gabriel Abrantes, *A Brief History of Princess X* (2016), delírio narrativo sobre uma das obras icónicas de Constantin Brâncuși, ou a obra *Da discussão nasce a luz* (2005) de João Paulo Feliciano, caracterizada pela derrisória troca de argumentos entre dois candeieiros ontológica e esteticamente opostos. Segue-se a sequência de peças que ocupam o grande *hall* sob os janelões que se abrem à luz do rio: em *Hero, Captain and Stranger* (2009), de João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira, a cabina dos marinheiros que perseguiram Moby Dick é um núcleo de mítica energia homoerótica, internamente multiplicada em objetos e imagens díspares; *Passerelle* (2005), de Joana Vasconcelos, nega a produtividade capitalista, autodestruindo produtos de uma omnipresente cultura *kitsch*. Finalmente, a obra de Rodrigo Oliveira, *Marmitex, Guggenheim ibérico (escultura acidentada #1)*, 2006, oferece-nos um irónico volume imenso, construído com marmitas de alumínio, numa transferência de escala e materiais do museu Guggenheim Bilbao; em frente, um vasto conjunto de serigrafias realizadas por Sérgio Pombo entre 1978 e 1980 replica a fragmentação das peças em redor, mostrando pedaços de corpos humanos, elementos naturais ou objetos quotidianos dramaticamente soltos. Uma longa tira de papel, caoticamente dobrada sobre si mesma (Bruno Cidra, *Sem título*, 2023), completa este espaço.

Na continuidade do percurso surge-nos a montanha contemplativa resultante de uma *assemblage* de materiais de João Ferro Martins (*Aklimatyzacja*, 2010), face à qual se apresentam a provocadora e expansiva pintura de Adriana Proganó (*Sem título*, 2019), ou a série de fotos de Maria Beatriz sobre a brevidade da vida (série “*Vita brevis*”, 2000-2001). A máscara de uma identidade humana perdida, de Tiago Baptista (*Drip Drop*, 2021), surge antes de encontrarmos uma escultura de José Pedro Croft (*Sem título*, 1993) e o mural de desenhos brancos de Ana Jotta. Ambos prosseguem o desafio de desconstrução de linguagens: na *assemblage* escultórica, os objetos quotidianos e banais são anulados pela matéria branca que os cobre; nas imagens lineares, sem aura, anónimas ou citadas de tiras de BD populares, somos colocados perante a aceitação ou recusa da derrisão dos valores artísticos em contextos onde, como nesta exposição, tragédia e comédia, humano e animal, *design* e *kitsch*, produção e desperdício, se confrontam.

Esta é a primeira parte da exposição **Turn around. Um olhar sobre a Coleção de Arte Fundação EDP**. A segunda parte ocupa a galeria Baixa Pressão Norte a partir de 29 de abril.

Luisa Cunha

A frase que ouvimos em inglês em *Turn around* (2007), de Luisa Cunha (Lisboa, 1949), é fértil em significados. Alertados pelo chamamento ou imperativo da voz da artista, tanto podemos virar o nosso corpo esperando olhar-nos a um espelho imaginário onde nos vejamos/sintamos belos, como podemos virar-nos para o nosso interior ou para o nosso passado e ensaiar o balanço da nossa vida percebendo/sentindo que somos interiormente belos, morais ou eticamente bons. A verdade é que, ao realizarmos essa operação de introspeção/observação, podemos ver-nos a nós mesmos, mas também podemos ver o que nos rodeia – é também esse o sentido múltiplo que se procura dar a esta exposição.

João Pinharanda

Gabriel Abrantes

Em 1916, Constantin Brâncuși apresentou pela primeira vez a sua escultura *Princesse X* no *Salon d'Antin* em Paris, mas ela acabaria por ser removida da exposição pela polícia. Em 1920, foi novamente recusada pelo *Salon des Indépendants*. O escândalo e a polémica motivados pela obra, um busto da princesa Maria Bonaparte (famosa psicanalista, sobrinha-neta de Napoleão I) na forma de um falo em bronze polido que o artista sempre defendeu como a depuração estilizada do corpo e da figura femininas, marcam um momento fraturante na historiografia da arte e no contexto social e político da época.

Ao retomar a história deste ícone da escultura modernista em *A Brief History of Princess X* (2016), Gabriel Abrantes (Chapel Hill, EUA, 1984) atualiza a discussão sobre género, sexualidade e História.

Margarida Almeida Chantre

João Paulo Feliciano

Através do cruzamento de materiais, formas, referências e palavras, João Paulo Feliciano (Caldas da Rainha, 1963) confronta o espectador

com jogos de percepção e linguagem que provocam novas e inesperadas associações.

Começando pelo título, esta instalação sonora de 2005, *Da discussão nasce a luz*, ironiza a ideia de que o confronto de ideias opostas conduz ao esclarecimento. O artista dá vida a dois candeeiros com estéticas e personalidades opostas – um mais funcionalista e moderno (desenhado por Philippe Starck), outro mais *kitsch* e nostálgico – que discutem ideias sem chegar a um consenso, numa conversa tão cheia de interferências e cortes que se torna difícil de acompanhar.

Carolina Marques

João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira

Por vezes, a realidade de uma vida de perigos e segredos, de aventuras e desventuras, parece concentrar-se no espaço sobrepovoado de objetos e instrumentos, de peças de mobiliário e elementos iconográficos. *Moby Dick*, monumental e mítico romance de Herman Melville, é referência imediata desta simulada cabine de um velho baleeiro. A perseguição de uma baleia gigante e assassina por um capitão obcecado leva à perda de homens e navio. E é a energia que essa louca corrida gera entre todos os protagonistas, uma energia heroica, insana, homoerótica, de perda e glória, que se pode adivinhar no espaço excessivo e denso de *Hero*, *Captain and Stranger* (2009), cenário do filme homónimo da autoria de João Pedro Vale (Lisboa, 1976) e Nuno Alexandre Ferreira (Torres Vedras, 1973).

João Pinharanda

Joana Vasconcelos

As obras de Joana Vasconcelos (Paris, 1971) são um jogo de referências à cultura popular e doméstica portuguesa, utilizando objetos do dia a dia em esculturas ou instalações de grande escala. Nesta obra, *Passerelle* (2005),

a artista recorre a cães de louça de Barcelos, frequentemente usados como figuras de convite em casas portuguesas, pendurados por coleiras num mecanismo acionado por um pedal. A estrutura lembra-nos uma máquina de produção em massa, na qual o visitante é tentado a tornar-se cúmplice da destruição que a obra propõe.

Carolina Marques

Rodrigo Oliveira

Inspirado nos desenhos iniciais do arquiteto Frank Gehry para o museu Guggenheim Bilbao, Rodrigo Oliveira (Sintra, 1978) propõe em *Guggenheim ibérico (escultura acidentada #1)*, 2006, uma reflexão crítica sobre a arquitetura e os consumos culturais. Nela, o artista transfere a escala monumental para a escala doméstica com objetos do dia a dia – bandejas de marmitas que aqui são deliberadamente esmagadas, dobradas e transformadas. O resultado é uma obra híbrida, entre a maquete e a escultura, que questiona a instituição-ícone e uma visão cerimonial da cultura e do seu consumo. Ao citar um edifício célebre da arquitetura contemporânea e, conseqüentemente, a posição que este ocupa como referencial de uma certa prática cultural, o artista propõe uma alternativa, manifestamente irónica, assente numa percepção em que o descartável e o transitório tomam lugar.

Margarida Almeida Chantre

Sérgio Pombo

O tempo destas obras – a vertiginosa década de 1970 – foi, nacional e internacionalmente, política, social e culturalmente, um tempo de fragmentação do real e de nomeação das coisas. Sérgio Pombo (Lisboa, 1947-2022), influenciado pela Pop anglo-saxónica e pela Nova Figuração europeia, elegeu e separou fragmentos de realidade (imagens de partes de corpos femininos, de objetos quotidianos, de elementos mecânicos ou naturais). Associou-os, depois, segundo lógicas temáticas e formais subjetivas, dispersando esses fragmentos

no espaço vazio das folhas como se fossem signos, e simulando assim narrativas que se revelam de inútil decifração, mas que funcionam sempre como obscuros objetos de desejo.

João Pinharanda

Bruno Cidra

Nesta obra, Bruno Cidra (Lisboa, 1982) estabelece um estranho território de afirmação entre a escultura (pela sua tridimensionalidade) e a pintura ou o desenho (pela importância da cor e do material na sua realização). A obra *Sem título* (2023) revela-se também como um apurado exercício de camuflagem cromática: na realidade, estamos perante uma obra em papel que parece ser em metal, cujas torções, dobragens, sobreposições e esmagamentos nos fazem supor a marca de um tempo longo de vida ou de acidentes que afinal não sofreu; é, na realidade, uma simulação cenográfica, uma superfície leve, mas de desenvolvimento complexo, labiríntico.

João Pinharanda

João Ferro Martins

Aclimatização é o processo através do qual um organismo se adapta à mudança do seu meio ambiente. Nesta obra de João Ferro Martins (Santarém, 1979), como se estivéssemos numa paisagem do Tibete, ergue-se uma montanha de partes de mobília antiga, as bandeiras de oração (habitualmente coloridas com preces de boa sorte e bênçãos) são feitas com polaroides de nuvens, e o céu azul vive na iluminação do topo. Em *Aklimatyzacja* (2010), feita de *objets trouvés*, o artista constrói a sua aproximação a um outro estado, mais interior, pessoal (e sagrado). O caminho para um espaço interior.

Margarida Almeida Chantre

Adriana Proganó

O corpo feminino num retrato improvável. Um momento espontâneo, captado por Adriana Proganó (Lucerna, 1992), que, através da paleta suave de azuis, rosas e amarelos luminosos na pintura, explora e desconstrói a imagem formal da representação feminina. Para além das normas sociais, a artista mostra-nos na obra *Sem título* (2019) a sua versão: espontânea, rebelde e livre.

Margarida Almeida Chantre

Maria Beatriz

“Vita brevis” é parte de um aforismo devido ao célebre médico grego Hipócrates e popularizado em latim por Séneca, que o fixou na forma como hoje aparece, traduzida como “a arte é longa, a vida é breve”. A encenação de elementos fotografados por Maria Beatriz (Lisboa, 1940-Amesterdão, 2020) conduz-nos ao tema da “natureza-morta” que a arte europeia pós-renascentista usou como meio de reflexão filosófica sobre a passagem do tempo e a precariedade da vida e das vaidades humanas. Na sucessão de imagens que nos apresenta, a artista reforça estas mensagens servindo-se da alteração da luz ao longo do dia.

João Pinharanda

Tiago Baptista

Na pintura *Drip Drop* (2021), escura e densa, feita de lentidão e intenção, acumulam-se camadas de tinta e de significados. Aqui somos espectadores do ato de revelação para o qual Tiago Baptista (Leiria, 1986) nos convida: só quando nos embrenhamos na escuridão podemos tirar as máscaras com que nos cobrimos e ver com clareza quem achamos que somos. Elas só saem quando estamos preparados. Esta preparação leva tempo e as gotas desta ampulheta são contadas no título que o artista escolheu para a obra, aparentemente estranho e absurdo: “drip drop”... gota a gota.

Margarida Almeida Chantre

José Pedro Croft

O trabalho de José Pedro Croft (Porto, 1957) joga com a fragilidade, a estabilidade, a permanência e a impermanência dos materiais que dão forma às suas obras. Nos anos 1990, o artista desenvolve um particular interesse pela memória dos objetos que utiliza, assim como por questões de peso, leveza e equilíbrio.

A escultura *Sem título* (1993) é composta por uma sobreposição de objetos quotidianos envoltos numa velatura de gesso branca, o que lhe confere uma ilusão de peso e massa incongruentes com o seu material. O brilho do alumínio ganha uma dimensão quase pictórica e uma densidade enganadora.

Carolina Marques

Ana Jotta

Ana Jotta (Lisboa, 1946) trabalha de forma económica (como a própria refere), utilizando e apropriando-se de diversos *media*, objetos banais do quotidiano e largos espectros de referências, sugerindo o fluxo constante de estímulos que atravessam o seu dia a dia.

A ironia e a jocosidade, marcas vincadas da sua obra, revelam-se tanto pelos temas como pelos materiais ou objetos que lhes dão forma. A simplicidade gráfica das séries apresentadas nesta exposição remete para livros de colorir, desenhos animados ou ilustrações infantis.

Carolina Marques

Turn around. Um olhar sobre
a Coleção de Arte Fundação EDP
Parte 1 de 2

11/02/2026 → 25/01/2027

Artistas

Adriana Proganó, Ana Jotta,
Bruno Cidra, Gabriel Abrantes,
Joana Vasconcelos, João Ferro Martins,
João Paulo Feliciano, João Pedro Vale
e Nuno Alexandre Ferreira,
José Pedro Croft, Luisa Cunha,
Maria Beatriz, Rodrigo Oliveira,
Sérgio Pombo, Tiago Baptista

Curadoria

João Pinharanda,
Margarida Almeida Chantre,
Sérgio Mah

Assistência curatorial

Carolina Marques

Produção

Margarida Almeida Chantre

Comunicação e relação com os media

Elisabete Sá, Constança Fernandes

Marca

Rita Brandão Brito,
Matilde Raposo, Seomara Almeida

Programas públicos

Joana Simões Henriques,
Vera Barreto

Serviço ao visitante e educativo

Nelson Rodrigues, Sebastião Almeida,
Tiago Serôdio

Textos

Carolina Marques, João Pinharanda,
Margarida Almeida Chantre

Coordenação editorial

Nuno Ferreira de Carvalho

Tradução

Bettina Myers

Revisão

Manuel Alberto Vieira

Design gráfico

Madalena Espírito Santo

Apoio à produção

Sérgio Gato

Montagem

Maria Torrada

Agenda

Visitas com curadores

João Pinharanda: 21/02/2026, 17.00

Margarida Almeida Chantre: 17/05/2026, 11.00

MAAT – Museu de Arte,
Arquitetura e Tecnologia
Av. Brasília, Belém
1300-598 Lisboa

+351 210 028 130
maat@edp.pt

Mais informações
e outros conteúdos
maat.pt
ext.maat.pt



@maatmuseum | #maatmuseum